

Mário Cláudio
Amadeo

Romance

A José Domingos da Cruz Santos

A Casa é uma teoria volumétrica por entre a vegetação, maior do que todo o Mundo, impossível de arrumar. Por torres e telhados se levanta, paredes de cal alternando com panos de muralha, e um bestiário a habita, nela cirandando ou em torno lhe correndo, heráldicos bichos esguios, indistintos da paisagem. Na construção, que não obedece aos caracteres do meio, um pouco ao revés de certa convicção de sangue da família, a vida se concentra na cozinha que ele virá a pintar. É uma quadra enorme e enegrecida, trespassada de aromas que compõem uma história culinária remontando muito além do clã, ao horizonte de raças de loiro baço, olhos de verde sequíssimo, deuses que nas faldas do Marão apenas reclamam exíguos sacrifícios de bagas de arbusto, pequenos mamíferos amedrontados. Amadeo percorre a Casa a grande velocidade, na espécie de tontura que lhe dá a infância, ingênuo do destino a conferir ao fogo que a brincadeira não sabe extinguir. Os pratos de barro colorido trepidam nas paredes de estuque grossíssimo, os cobres luzem no brilho sufocado das coisas com muita serventia, dobra-se o cheiro dos toros de pinheiro ardido sobre

o da manteiga esbranquiçada que nas horas vagas se bate. A cozinha de Manhufe guarda seu segredo para o futuro. Nela as mulheres se embrulham pelando batatas, transportando do patíbulo ao alguidar a galinha morta de patas lívidas, que deixa pingar pelo chão estrelinhas de sangue. Gué, o jornaleiro trengo, amocha num escano à beira do lume, assa perfunctivamente uma sardinha, devora-a deposta sobre um naco de broa. Empurram-no, provocam-no, obrigam-no a recontar a história da aposta, que cumprir, de engolir um ratinho vivo. E as raparigas excitam-no coçando o bojo da perna, bocejando a caminho da cama. Fica-se ainda Gué junto ao lar, esfarelado o pão, sorrindo numa larga cicatriz que revela as gengivas cobertas de migalhas. Quando se abate a noite para além da Casa, bouças e pinheirais e soutos se tomam de vibração, em todos os sentidos cruzados por lucilações, voos de falenas destrambelhadas, passos furtivos de princesas moiras que vêm beber, ou molhar o cabelo, em nascentes em cujo fundo uma cobra se enrosca. Ficam na escuridão a vertente das telhas com suas pontas irregulares, a dentadura das ameias da torre, alguma água-furtada de criados onde ainda dura a luz. Na infância permanece a Casa, demarcada por ramadas e milheirais, eucaliptos que acenam por detrás dela, mobilíssima de repartidas janelas abrindo e fechando em guilhotina. Não há caminho, não haverá jamais, que a ela não vá ter.

Santa Eufrásia de Goivos, quarta-feira, 7 de Maio de 1980. Papi dá início à manhã de trabalho. Coloca sobre a «banca», substantivo que sempre me irritou, os instrumentos de «ofício», dois lápis muito afia-

dos, o pote da tinta, os aparos escrupulosamente limpos, pois a outra aparelhagem se recusa, a bibliografia que espera utilizar, ensaios, dicionários, artigos de jornal, uma esponjinha vermelha e redonda e embebida em seu recipiente de vidro, a que nunca o vi dar qualquer uso. Tem os dedos naturalmente ágeis e enxutos, as páginas jamais se lhe encrespam recusando obedecer-lhe, respeitam-no por instinto. Quando se senta, afastando as abas do casaco de linho, a que teima em chamar «quinzena», vai já alta a manhã. Deixa tombar a cortina de cassa para que a luz, amenizada embora pela travessia da copa dos castanheiros do pátio, não venha despenhar-se crua-mente sobre a paisagem da escrita, destacando os objectos nessa irritação impossível de domar. Com os indicadores desenha um arco pelas sobancelhas, sumariando mentalmente o que de ontem veio na es-crituração a que procede da vida do pintor Amadeo de Souza-Cardoso, projectando não sem impaciência nem cansaço este dia de quarta-feira. Lucinda que, completado o difícil ritual de trasfegar cafés às labaredas, espreitou já pelas fechaduras todas de todas as portas cerradas, vem agora, lesta mas sem ruído, empurrando a barriga por detrás do avental de riscado, espiar as acções de Papi através da frincha da porta da sala, de onde se abrange o ângulo de um armário com três santos barrocos, São Brás, Santa Bárbara, Santa Ifigénia, o resto do percurso da pas-sadeira, o lugar de trabalho ao fundo, com as som-bras verdes agitadas sobre o tampo da mesa. Prepa-ro eu o meu dia, passar a limpo a lista dos abades da freguesia, de mil setecentos e quarenta e nove a mil oitocentos e sessenta e seis, reler os apontamentos colhidos ontem, estudar de que forma as chuvas en-traram na capela e os restauros a empreender. Lem-

bro-me, à última hora, de que Álvaro faz hoje anos. Dantes almoçávamos juntos, trazia-lhe de presente um livro achado num alfarrabista, que insistia em não abrir perante mim, etc., etc. Desde que desper-tei, a ária da «Zaide» martelando-me o juízo, «Ruhe sanft, mein holdes Leben».

Mas não é só uma casa a infância, a ela por muito que se arrime com seu universo de folguedos sobre que recaem as primeiras sombras da noite, de frutos roubados ao celeiro que demoram no peitoril de uma janela encharcados da claridade vertical dos estios. As portas, é bem certo, dão para vários pesadelos que brancas figuras atravessam arrastando pela cabeleira alguns seres massacrados, enquanto dois corvos se equilibram sobre as grades do berço. As nuvens volumosas vêm bater na vidraça com seus carros de combate que são iguais no desenho às constelações, as rãs de um charco ao pé da loja infinitamente coaxam esperando o dia. Partilhava Amadeo destes mistérios, iniciado que fora, mesmo antes de nascer, na confraria cujas insígnias se faziam do adejar da crina dos cavalos de pau, do estrepitoso sobressalto que acometia os pequenos vagões tirados por um barbante. Para além era a aldeia, toda concentrada numa força que em foguetes haveria de explodir imprimindo rosas e cruzes nos lenços de muitas cores, percorrida por um Diabo e uma Diaba que escacavam púcaros pelos cantos, comiam à dentada os girassóis, se debruçavam na boca dos poços donde os dedos se retiravam carregados de limos. Não era pouco o quanto de Manhufe subia à tona nesses dedos, terra que se revelava onde as tintas se compunham e decompunham, se apegava às rigorosas unhas da criança com a mesma fácil e rápida per-

tinácia dos vidrados da argila, dos vernizes ligeiríssimos que são expressão da ternura. Nesse trabalho, o ser liberto pela primeira vez interrogava o próprio nome, «Amadeo» ascendendo como um balão de gomos no céu azul e quieto da sesta dos caseiros. A água corria depois como uma resposta, a difundir-se pela moleza dos campos arados há pouco, em seu ímpeto compelindo breves folhas, plumas de rola, fragmentos de palha cintilante. Um odor de estrume, de rocha moída e molhada, pairava muito lento sobre o rosto do menino que, encostado ao tronco de um plátano, fazia girar a sopro um viravento de papel de lustro. E no centro da vida a Casa se plantava, com todas as ventanas escancaradas para a rosa-dos-ventos, de salas preenchidas por mesas quadrangulares donde as enormes toalhas jamais se retiravam, de oratórios de vinhático em cujo interior uma lamparina eterna sustentava uma chama azul e amarela, minuscilamente pulsando.

Santa Eufrásia de Goivos, sexta-feira, 16 de Maio de 1980. Considera-se um biógrafo. Reúne documentos recentes, ouve quem ouviu do homem, acrescenta a tudo isso estâncias da própria existência. Este meu tio Papi pretende justificar-se. A vida apenas se lhe torna inteligível na vida de outrem, e é isso quase tudo quanto o move. Falando do pintor Amadeo, é de si que fala, por ele viaja até a infância, emerge à superfície das águas trazendo entre os dentes um pequeno tesouro cintilante. Mas é-lhe pouco exacto o itinerário, arrogante também. Vejo-o quando passo no corredor e esqueceu a porta entreaberta, de camisa impecavelmente alva, às vezes ao pescoço o foulard de seda natural, infantil ex-líbris,